

## SURYOYE

ܟܪܝܫܬܐ

SÃO PAULO - FEVEREIRO/2015

## ORAÇÃO INICIAL

## NESTA EDIÇÃO:

ORAÇÃO 1

A MULHER E  
A IGREJA DE  
ANTIOQUIA 2HISTÓRIA DA  
IGREJA DO  
ORIENTE 4

A ORAÇÃO 5

CULTURA  
ORIENTAL 7PALAVRAS  
DA BIBLIA 9SÁIFO -  
GENOCÍDIO  
DOS  
SIRÍACOS 10TEXTOS EM  
ARAMAICO 12TEXTO  
INGLÊS 16Apresentaram-se os mártires  
na corte da justiça

(qoimin sohêde beth dino)

Apresentaram-se os mártires  
Na corte da justiça  
Cantando com alegria dizendo  
Morreremos por nossa Esperança,  
Por que não tememos  
Os juízes deste mundo passageiro  
Pois temos  
Um Rei Ungido<sup>1</sup>  
E Ele nos tornará  
Herdeiros da Vida Eterna.

<sup>(1)</sup> Rei Ungido = Cristo Rei( *Cântico para os mártires na Igreja  
Síriaca de Antioquia - sec. VIII* )ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ  
ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ  
(ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ)

Ruína da Igreja de Sadad, na Síria, após  
invasão e dessacralização pelos muçulma-  
nos em outubro de 2013. Construída origi-  
nalmente no século IX.

ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ  
ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ  
ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ  
ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ  
ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ ܟܪܝܫܬܐ

INFORMATIVO  
SURYOYE

Suryoye é um órgão de  
divulgação interna da  
Igreja Siríaca Ortodoxa  
de Santa Maria.

Layout—Camila Sowmy  
Artigos—Peter Sowmy

## IGREJA SIRÍACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português, aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo / SP.

Padre Gabriel está à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

## A MULHER E A IGREJA DE ANTIOQUIA

(CONTINUAÇÃO DO NR 68)

Vamos nos aproveitar mais um pouco desse manual de regras dos ensinamentos dos discípulos, o **Didasqalia aukit malfonutho qatuliqi datreásar xelihe uthalmide qadixe deforuqan** (*Didascália ou seja o Ensino universal dos doze Apóstolos e Discípulos Santos de Nosso Salvador*). Até aqui vimos os ensinamentos gerais porém a organização da instituição Igreja não descuidou das funções específicas das mulheres que queriam fazer progredir a Igreja e o povo de Deus, o povo cristão, assim, aqueles que organizavam e lideravam o movimento cristão no oriente olharam o comportamento do ser humano e, iluminados por Deus, deram algumas regras de comportamento que facilitaria a vida da mulher laica na Igreja, na comunidade e também nos arraiais, nas vilas, aldeias e cidades. Foi através da estruturação da hierarquia sacerdotal que isso foi possível.

A função de sacerdotisa cujo primórdio se perde na pré-história, não existia entre os judeus do tempo de Cristo apesar de ter continuado essa função na história de outros povos do Oriente, tal como os assírios e babilônios da Mesopotâmia. Já no tempo dos caldeus (esses eram a ramificação sacerdotal dos arameus) que acabaram por se aliar com os persas e medas e derrotaram os assírios, primeiro no sul da Mesopotâmia e depois também no norte, impuseram o desaparecimento das sacerdotisas entre os Mesopotâmios e a todos os povos que eles subjugaram, entre esses, os judeus. Não só vemos o desaparecimento das sacerdotisas como também vemos o surgimento de uma forma de governo teocrático, isso é, os sacerdotes (no caso os caldeus) governavam o país em nome de seu deus. Vemos isso reproduzido entre os judeus quando retornam do exílio da Babilônia: agora o governo que adotam é o teocrático, assim, o templo e seus sacerdotes governavam e regulavam tudo.

Ainda que não existissem sacerdotisas, o cristianismo oriental, deu continuidade à valorização da mulher e, ao contrário do judaísmo, criou uma função específica para as mulheres e com suma importância. Assim, criou a ordem das diaconisas e o **Didasqalia** coloca claramente quais as funções da diaconisa.

É no capítulo 16 que estão essas funções; eis o que lá diz:

**Capítulo dezesseis: sobre a ordenação dos diáconos e diaconisas**

*Por isso, ó Episcopo, ordene para ti trabalhadores benevolentes; ajudantes que contigo auxiliarão para sempre<sup>1</sup>; aqueles que te pareçam melhores dentre todo o povo. Escolherás e ordenarás diáconos, homens aos quais, muitas práticas lhe são necessárias. A mulher pois, para servir as mulheres. Casas há em que não poderás enviar o diácono para as mulheres, pois então, aos pagãos, as diaconisas enviarás. Porque também por muitos assuntos outros o lugar da mulher diaconisa faz-se necessário. Para começo, quando as mulheres descem à água<sup>2</sup>, da diaconisa se pede que sejam unguidas com o óleo<sup>3</sup> aquelas que às águas descem e quando não se faz presente a mulher e mais ainda a diaconisa é obrigado, aquele que está batizando, que ele unte aquela que está sendo batizada, quando, porém, houver mulher e mais ainda uma diaconisa, não é justo para com as mulheres que sejam vistas pelos homens. No momento da imposição de mão porém, unge somente a cabeça tal como foram unguidos antigamente os sacerdotes e os reis em Israel. Tu também, dessa maneira, pela imposição da mão unguirás a cabeça daqueles que são batizados, seja ela dos homens ou das mulheres. Depois disso, podes tu batizar ou podes mesmo ordenar aos diáconos ou aos padres que batizem.*

*A mulher diaconisa, como anteriormente dissemos, deverá ela unguir as mulheres, já o homem deverá lembrá-las, concomitantemente, os nomes da chamada divina nas águas e quando ela subir das águas, aquela que foi batizada, que a receba a diaconisa e a ensine e a eduque como é a finalidade do batismo invencível, com pudor e santidade e é por isso que dizemos que se faz necessário e obrigatório o serviço da mulher diaconisa pois até Nosso Senhor e Nosso Redentor, através das mulheres diaconisas usou seus serviços; eram elas Maria Madalena e Maria a filha de Tiago e a mãe de laussi e a mãe dos filhos de Zebedeu com outras mulheres também; então, a ti também se faz necessário o serviço da diaconisa, para muitos assuntos. Às casas dos pagãos, onde houver mulheres fiéis, faz-se necessário que a diaconisa entre e visite as enfermas e as sirva naquilo que se lhe pedir. E àquelas que deixam a enfermidade e passam à saúde, deve ela banhá-las.*

## A MULHER E A IGREJA DE ANTIOQUIA

Antes de passarmos a outras referências e paradigmas, vejamos um pequeno histórico do **Didasqalia**.

O exemplar mais antigo data de 250 d.C. e foi publicado na íntegra, por Paulus de Lagarde em 1854, na Alemanha; esse exemplar é conhecido como Codex Sangermanensis entre os estudiosos da Europa. A mais recente é uma republicação em fotocópia da coleção Horae Semiticae – Vol.I a qual data de 1903. Essa publicação fora coordenada por Margaret Dunlop Gibson de Londres. Em Horae Semiticae, foram utilizados diversos manuscritos que estavam na Europa e que foram levados de Mosul (atual Iraque), Tur Abdin (atual Turquia), Malabar (Índia) e outros lugares, ainda que o mais antigo deles fosse de 1896 copiado, segundo o escriba, de outro original quase 900 anos mais velho.

**Didasqalia** é uma evolução de diversos ensinamentos contidos no Novo Testamento como nas Cartas de S. Paulo e Atos dos Apóstolos e depois, seu autor (ou autores) buscou a complementação ou interpretação nas Cartas de S. Clemente de Roma (em aramaico: **mor qlemis de rumi**) e de Santo Ignácio de Antioquia (em aramaico: **mor ighnaTios dAntiukhi** e também: **mor ighnaTios nurono**). Esses dois santos viveram entre o primeiro e segundo séculos do cristianismo. Alguns dizem que **Didasqalia** é um trabalho autenticamente escrito em aramaico e outros, que se trata de tradução do grego; o certo é que por muito tempo, existiu somente em aramaico. As Igrejas do ocidente, a de Roma e a de Constantinopla (atual Istanbul na Turquia), durante muito tempo consideraram esse manual como fruto da heresia de Audius da Mesopotâmia e por isso não o utilizaram (Audius afirmava que Deus possuía um corpo material pois na Bíblia está escrito que “Deus fez o homem conforme Sua imagem e forma”). No século XIX, começaram pesquisas mais sérias sobre a interpretação do texto do **Didasqalia** pelos padres estudiosos de Roma e chegaram à conclusão que nada havia da tese de Audius e nem poderia ser de Audius (ele viveu 100 anos após o **Didasqalia**) e muitos já não falam mais em heresia.

O livro é dividido em 26 capítulos abrangendo uma série de atitudes e funções, passando pelas relações familiares cristãs e chegando até à hierarquia da instituição Igreja.

Observações:

<sup>1</sup> para sempre – em aramaico é “**lehaie**” ou seja “para toda a vida”.

<sup>2</sup> descem à água = são batizadas.

<sup>3</sup> ungidas com o óleo = crismadas

**Referências:**

**LAGARDE**, Paulus de – **DIDASCALIA APOSTOLORUM – SYRIACE**. Becker & Eidner, Göttingen. 1911.

**GIBSON**, Margaret Dunlop - **Horae Semiticae No. 1 - The DIDASCALIA APOSTOLORUM in Syriac**. Cambridge University Press Warehouse. Londres. 1903.

*Amor e Caridade são a base do Cristianismo.*

*Fundo de auxílio dos idosos*

Faça um donativo de qualquer valor em nome da:

Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria

Banco: Santander: 033

Conta Corrente: 13000212-9

Agencia: 2174

## HISTÓRIA DA IGREJA DO ORIENTE

(CONTINUAÇÃO DO Nº 69)

No estudo do último número, foi visto que a Igreja de Antioquia sofreu algumas paralisações em suas ações sociais e espirituais porque parte de seus preladados e seguidores levantaram alguma questão de somenos, puramente de lingüística (deveriam usar *lahêmo men xêmaio* ou *lahêmo dēháie* ?), coisa que não acrescentava nada ao conforto espiritual e menos ainda à espiritualidade dos fiéis. Com isso, **Patriarca Qūriaqos de Takrit** foi obrigado a reunir o Santo Sínodo (que é a reunião de diversos bispos e maferione) para debater a questão e decidir pelo certo e levar a Igreja pelo rumo correto. A resposta foi que *lahêmo dēháie* é a forma correta com que se chama, em aramaico, a Hóstia Santa, a Santa Eucaristia.

Antes de continuarmos, vale a pena observar que na nossa Igreja, na Igreja de Antioquia, não existe a menor possibilidade de o Sumo Pontífice, o Patriarca, declarar-se infalível e tomar uma decisão para uma questão importante, isoladamente, por si só. Para a Igreja de Antioquia, infalível, somente Deus. Sempre que houver alguma dúvida por parte do Patriarca, ele, o Patriarca, está na obrigação de convocar o Sínodo (que é o conclave dos bispos mais eminentes em saber e os maferione) para se aconselhar com esse Sínodo. O Sínodo não tem tempo definido para terminar; somente termina quando a dúvida estiver eliminada.

Ainda que uma questão lingüística houvesse tomado boa parte do tempo do Patriarcado, nem por isso **Patriarca Qūriaqos de Takrit** deixou de realizar outras obras. Enquanto cuidava de não deixar a divisão da Igreja se alastrar, ainda achou tempo para aprimorar sua administração, para reconciliar os dissidentes, para ensinar e ainda escrever tratados e homilias.

Em termos de administração da Instituição Eclesiástica (Igreja de Antioquia), em 794, no ano seguinte à sua consagração patriarcal, convocou o Santo Sínodo e emitiu em conjunto com o Santo Sínodo, um cânone composto por 40 regras que adequaram a organização da Igreja Antioquina aos novos tempos. Três anos depois, em 797, convocou o Santo Sínodo para aconselhar-se sobre uma divisão que surgira nas Igrejas Cristãs Basi-

lares (Igreja de Antioquia, Igreja de Alexandria, Igreja de Roma e Igreja de Bizâncio), quase 200 anos antes, através de Juliano de Halicarnasso. Os seguidores de Juliano, diziam que o corpo de Jesus era incorruptível enquanto que a Igreja de Antioquia, na época, liderada por **Mor Sewerios**, afirma que o corpo de Cristo somente se tornara incorruptível após Sua Gloriosa Ressurreição, conforme está na Santa Escritura. Juliano de Halicarnasso era apoiado pelo imperador bizantino e chegou a dividir a Igreja; só não conseguira maior avanço visto que o imperador viera a morrer antes de decretar como dogma essa tese errônea (na época, os imperadores bizantinos interferiam para apoiar um ou outro movimento nas Igrejas, mesmo que estivessem errados). No tempo do **Patriarca Qūriaqos**, o movimento dos julianistas já havia se enfraquecido e o Patriarca queria trazer os seus seguidores de volta à Igreja de Antioquia e por isso convocara o Santo Sínodo. Conciliador por natureza, **Patriarca Qūriaqos** teve sucesso com alguns enquanto outros quiseram continuar a oposição porém, com o tempo, os poucos julianistas que se opuseram acabaram falecendo e assim, o movimento julianista acabou. O que contribuiu para trazer de volta ao seio da Igreja boa parte dos julianistas foi que **Partriarca Qūriaqos** aceitou e compôs com o líder dos julianistas, um certo bispo Gabriel, uma homilia que era declaração de fé ortodoxa. Essa homilia, assim como muitas obras e tratados de **Qūriaqos de Takrit** perderam-se durante as perseguições aos cristãos que perduram desde o tempo de Tamerlão (1392 d.C.) e culminaram com o pior genocídio na Mesopotâmia, conhecido como "**Saifo**" (1915).

**Patriarca Qūriaqos** ainda convocou mais duas vezes o Santo Sínodo, um em Harran (na Mesopotâmia, a 45 km a sudeste de Edessa, atual Sanliurfa na Turquia), em 794 e um último em Mosul ( Iraque), em 817 porém, ainda durante o Sínodo, no mês de "**ab**" (agosto), **Patriarca Qūriaqos** faleceu.

O orientalista Arthur Vöobus, publicou parte do que restou dos estudos teológicos que Patriarca Qūriaqos escrevera durante sua vida, começando quando ainda era professor na Universidade do Mosteiro de Takrit.

**Para Saber Mais:**

1. **Patriarca Ignátios Afrem I, Barsoum** . *Al-lul al-manthur fi tarikh al ulum ual addab assuryani* – 5ª edição – Alepo – Síria. 1987 (“As pérolas dispersas na história do conhecimento e cultura siríaca”).
2. **Vööbus, Arthur** - 'The synodicon in the West Syrian tradition' part II, edited by A. Vööbus, in : **Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium** (CSCO), volume 375 (Syriac text).Peeters (Publishers). Louvain, Bélgica. 1976.
3. **Mor Sewerios**:in *Suryoye* nr 60, páginas 3 e 4; nr 61, páginas 2 e 3

**A ORAÇÃO-III****(CONTINUAÇÃO DO Nº 69)**

Oração sem concentração é impensável para o ser humano. Vemos isso entre os povos da antiguidade, em seus rituais desenhados em cavernas e depois nas tabuletas dos cuneiformes, sumérias e assírias.

A concentração pode ser obtida de diversas formas, pelo incenso do turíbulo, pela música e hinos cantados em conjunto e pelas atitudes solitárias. Dessa feita temos a oportunidade de ver como um prelado da Igreja Siríaca, no século sétimo, dá orientação para concentrar-se em atitude solitária. Trata-se de Isaque de Nínive (**iss-hoq dēNinue**, em aramaico). A influência mística e ética de Isaque de Nínive foi tão grande que ele é citado, dez séculos depois, no Brasil, por Antonio Vieira, conhecido na literatura brasileira como Padre Vieira .

Isaque de Nínive dá-nos algumas regras para nos concentrarmos e podermos rezar. Esse mestre em espiritualidade e misticismo nasceu em 613 d.C. Em seu livro **“meTul yiulfono daenuoie”** (= sobre a doutrinação dos ascetas) assim ensina a se preparar física e mentalmente na concentração (abaixo está uma tradução livre do aramaico de um trecho dos ensinamentos desse livro):

*Se pois quiseres realizar um ofício<sup>1</sup> durante tua vigília<sup>2</sup> com o auxílio de Nosso Senhor, faze como te digo: ajoelha-te como de costume e levanta-te e depois disso não inicies de imediato em teu ofício mas quando rezares e houveres terminado e houveres assinalado teu coração e membros com o Sinal Vivo<sup>3</sup>, permanece por um curto tempo em quietude até que sosseguem teus sentimentos e teus movimentos se transformem e então levanta teu olhar interno<sup>4</sup> para Nosso Senhor e roga-Lhe com paixão que assente tua fraqueza e que as palavras<sup>5</sup> de tua língua e os movimentos de teu coração estejam de acordo com Sua vontade . Dize então, silenciosamente na oração de teu coração assim:*

*“Senhor meu e Deus meu, Criador do mundo<sup>6</sup> a Quem são reveladas nossas paixões e a fraqueza de nossa natureza e o poder de nosso inimigo<sup>7</sup>, protege-nos de sua perversidade.”*

*.....e quando houveres concentrado tua mente e te disposto puro, então iniciarás sem perturbação teu ofício e nele caminharás até o fim, de forma agradável.*

*.....e ainda, quando oficiares, apaga todo pensamento que diz “apressa um pouco pois o trabalho é muito e vais escapar rapidamente”, não olhes para ele! <sup>8</sup>”*

Algumas observações:

<sup>1</sup> **ofício** (em aramaico: **texēmexētho**) aqui significa um serviço de missa ou de oração somente e são estes os sentidos válidos para a Igreja de Antioquia.

<sup>2</sup> **vigília** (“**xahro**” em aramaico) é o período em que o monge acorda e fica acordado em oração durante a noite.

<sup>3</sup> **Sinal Vivo** = Sinal da Cruz

<sup>4</sup> **olhar interno** = atenção, concentração

<sup>5</sup> **palavras** = orações, dizeres

<sup>6</sup> **Criador do mundo** = (em aramaico **soáuro davrithe**) “aquele que fez a sua criação”

<sup>7</sup> **inimigo** = nas palavras da Igreja, é o demônio e o poder dele são as suas legiões demoníacas

<sup>8</sup> **ele** = esse pensamento.

**Oração do amanhecer** (quando o sol surge no horizonte) **por São Tiago de Serug** (sec. V)

Desponta em mim Nosso Senhor para que eu seja iluminado como o dia<sup>1</sup>

Para que, iluminadamente, Tua glória eu cante enquanto fico em admiração,

Acordou-me a manhã pela glória de Tua divindade

E pelo prazer de tua poesia<sup>2</sup> correrei o dia todo.

Com o dia<sup>3</sup> Tua luz sobre nossos pensamentos despontará

E às sombras da ignorância<sup>4</sup> de nossas almas expulsará

Iluminem-se as criações, ilumine com elas nossos corações

Para Te glorificarmos com os dias<sup>5</sup> e as noites.

Eis que a manhã traz o turbulo puro para que T’ofereçamos<sup>6</sup>,

Ofereçamos também todo agradecimento a Ti devido,

Por Tua ordem afugentou-se de nós o sono da noite,

Afugenta consigo o pecado que nos golpeia e nos fere.

Glorificam-Te Senhor as manhãs e as noites em suas alternâncias

E Te oferecem os doces perfumes como seus presentes,

Glorificam os sacerdotes e diáconos e toda a Igreja

Tu que nos alegras com Tua majestosa luz, a Ti Glória.

Ó Luz que ilumina todas as criações durante a manhã

Ilumina nossas mentes para que te agradeçamos, ó Senhor, por Tua graça!

#### Livro de Orações da Semana Comum –

Algumas observações:

<sup>1</sup> **dia** = em aramaico está **yimomo** que aqui significa a parte iluminada do dia e não as 24 horas

<sup>2</sup> **poesia** = em aramaico é **myimro** que também significa “um dizer, um discurso”

<sup>3</sup> **dia** = aqui o uso de “dia” é igual ao da observação <sup>1</sup>

<sup>4</sup> **ignorância** = em aramaico está **dTuaiái** que também significa “perdição” ou “caminho errado”

<sup>5</sup> **dia** = aqui o uso de “dia” é igual ao da observação <sup>1</sup>

<sup>6</sup> **T’ofereçamos** = aqui é português, corresponde à contração de **Te+o** e “**Te**” refere-se a Deus e “**o**” refere-se ao turbulo e a vogal “o” de To ainda se contrai com a vogal “o” de ofereçamos.

[os originais dos textos, em aramaico, aqui citados, tanto do livro de Isaque de Nínive quanto a oração de São Tiago de Serug, encontram-se na secção de textos em aramaico, ao final desta edição].

Referência:

**Chabot**, Iohannes Baptista. *De S. Isaaci Ninivitae, Vita, Scriptis et Doctrina*. Lovanii, 1892.

**kethovo da dSlauotho dexavetho xehimtho** (=Livro de Orações da Semana Comum) – 3ª Edição. Imprensa do Mosteiro de S. Marcos – Jerusalém, 1936.

## CULTURA ORIENTAL—XVI

(CONTINUAÇÃO DO NR 69)

## A Árvore da Vida e a Serpente na Bíblia

Retomando o capítulo 3 do livro de Gênesis, com a tradução dada a partir da versão siríaca PexiTa (do aramaico) e “acertando” o gênero da serpente (em aramaico: **hewyo**) que em aramaico, é do gênero masculino temos:

Ora, **o serpente** era **o** mais astuto de todas as alimárias do lugar selvagem que o Senhor Deus tinha feito. E disse **o serpente** à mulher: *Realmente disse Deus: Não podereis comer de todas as árvores do Paraíso?*

E disse a mulher **ao serpente**: *Do fruto das árvores do Paraíso comeremos,*

*Mas do fruto da árvore que está no meio do Paraíso, disse Deus: não comereis dele e nem dele vos aproximareis para que não morrais.*

Então **o serpente** disse à mulher: *Certamente não morrereis.*

*Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes abrir-se-ão os vossos olhos, e sereis como deuses, sabedores do bem e do mal...*

[ texto original em aramaico está na seção de textos em aramaico].

O termo **serpente** foi colocado com o artigo definido masculino “**o**” para que fique claro que é do gênero masculino. Isso é importante de notar pois é a partir daí que serão feitas algumas observações.

Vejamos como a parte lingüística pode nos ajudar.

Vimos que serpente, em aramaico é do gênero masculino. Além do termo **hewyo** em muitas regiões onde se falava aramaico, assírio (acadiano e sumero-acadiano), fenício (cananeu conhecido também como hebraico), isto é na Mesopotâmia, Síria, Líbano, Canaã e outras regiões, usava-se também, **nahax**. No idioma hebraico, que é uma língua de Canaã, também é **nahax** e em todos esses idiomas, **nahax** é do gênero masculino também. Quando voltamos para esses idiomas, vemos que **nahax** tem mais um outro significado interessante: “*sorte*” e “*destino*”. Se entrarmos um pouco mais na parte etimológica, vemos que até hoje, em outra língua semita, em árabe, esta palavra está ligada ao significado de “*sorte*”; no caso, “*má sorte*”. Em outros números de **Suryoye** já foi feita referência a tais variações sonoras através de consoantes, variações essas que se processam entre as línguas semitas e aqui temos uma na qual a consoante “*x*” se transforma em “*s*” e **nahax** se transforma em “*nahëss*”.

Finalmente, desde há muito, foi levantada a teoria de que existiria um culto à serpente.

Além dos fatos descritos na edição de Suryoye, citada anteriormente, a **árvore da vida** aparece em vasos ofertados por reis de Lagaxe (os orientalistas escrevem: Lagash), próximo de onde o rio Eufrates, naqueles tempos, desembocava no Golfo Pérsico (o rio Eufrates e o rio Tigre, naquela época não se uniam, como hoje para formarem um único caminho de aproximadamente 50 km até o Golfo Pérsico). Em 2.140 a.C. o rei de Lagaxe era Gudea e é dele essa oferenda de um vaso onde aparece a **árvore da vida**. A lateral do vaso encontra-se na figura 1. Naquela época, Lagaxe era uma cidade - estado suméria e respeitada por outras cidades-estados como centro espiritual e cultural.

Nesse ponto, se olharmos atentamente a figura 1, veremos que além da **árvore de vida** no meio da figura e que a divide simetricamente, há duas serpentes entrelaçadas na **árvore da vida** e um semideus alado a cada lado. Vemos que aqui entra o terceiro ponto que diz respeito ao culto da serpente.

## CULTURA ORIENTAL—XVI

(CONTINUAÇÃO DO NR 69)

Uma rápida análise do Antigo Testamento - vemos que além do texto acima do Livro de Gênesis, a serpente aparece ainda mais 2 vezes: Livro de Exodo, capítulo 9 conforme versão PexiTa (cap.8, conforme traduções em português); nesse relato, o irmão de Moisés, Araão, transforma seu cajado em dragão (**tanino**, em aramaico, é palavra do gênero masculino - traduzido por serpente em português) e esse dragão engole os dragões dos sacerdotes da corte egípcia, também no Livro de Números, capítulo 22, conforme versão PexiTa (cap. 21, conforme traduções em português) após a saída dos israelitas do Egito, já no deserto do Sinai, Moisés faz uma serpente de bronze e alça-a sobre um poste e todos que olharam para a serpente de bronze se salvaram e os que não olharam, morreram. O que há de interessante nesse capítulo do Livro de Números é que no relato, as serpentes que provocam a morte de quem fora picado por

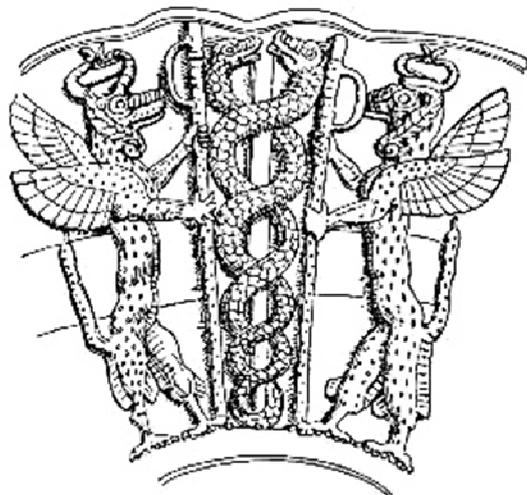


Figura 1—Lateral de Vaso votivo de Gudea, rei de Lagaxe (c. 2.140 a.C.)

elas está no feminino enquanto que a serpente que Moisés fez de bronze está no masculino. Além disso, o metal bronze, em aramaico é **nêhax** (**nêhoxo**) que, coincidentemente é como se diz serpente em outros idiomas semitas, conforme descrito mais acima. Em todos esses escritos bíblicos, o animal que salva (seja dragão / **tanino** ou serpente / **hewyo**) é do gênero masculino, o que coincide com o relato de Gênesis. Estaria aí uma referência ao deus do destino? Seria a salvação do ser humano seu destino?

Uma última incursão lingüística; podemos decompor a palavra usada em aramaico para designar “serpente” e já vimos acima, é **hewyo**. Decompomos esse termo **hewyo** em **hwy+yo** ou seja “Deus que mostra” (**yo**= Deus; **hwy** = mostrar).

Agora, comparemos isso com a fala entre “o” serpente e Eva:

... Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes abrir-se-ão os vossos olhos, e sereis como deuses, sabedores do bem e do mal...

Observa-se aí que “o serpente” mostra para Eva um futuro diferente do que Deus dizia, isto é um destino diferente do que realmente era e desafia Deus. Mitologicamente, somente um deus pode desafiar outro deus então “o serpente” se coloca como se fosse um deus, mas no embate, ele, “o” serpente perde. De qualquer forma, a atitude “do serpente” é de um deus do destino, da sorte.

Não foi só o relato bíblico que foi influenciado pela idéia sumero-assíria de que “o serpente” é algo que salva. Essa idéia influenciou outras regiões também. Olhando a mitologia grega, vemos que o deus mensageiro dos deuses, Hermes, sempre é representado com um caduceu na mão. O caduceu era um bastão carregado por Hermes e ao redor desse bastão havia duas serpentes que se entrelaçavam (v. figura2). Réplicas do caduceu foram muito utilizadas pelos arautos, em tempos diferentes (arauto era uma pessoa escolhida que levava as mensagens do rei ao povo ou a outros reis) e até o século XIX, na Europa.

Além disso, um outro caso especial é o do bastão de Eusculápio no qual, em lugar de duas serpentes entrelaçadas, há somente uma que se entrelaça ao redor do bastão (v. figura 3).

Tanto o caduceu de Hermes como o bastão de Eusculápio são usados, como símbolos de terapia e dos médicos ou seja esse símbolo remete novamente à salvação. Como chegou essa idéia sumero-assíria aos gregos?

Existem duas possibilidades. A primeira é que os navegantes fenícios (semitas cuja mitologia é derivada da mitologia assíria) que também eram mercadores e que comercializavam bens do mundo inteiro, leva-

## Palavras da Bíblia

Não tenhas medo da superstição da noite, nem da seta que voa de dia, nem da palavra que anda na escuridão, nem do espírito que assola ao meio-dia.

*Salmo 91*

## CULTURA ORIENTAL—XVI

(CONTINUAÇÃO DO NR 69)



Figura 2



Figura 3

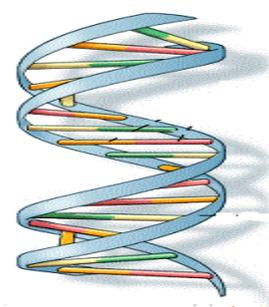


Figura 4

ram tal mitologia aos gregos, talvez por volta de 1.000 a.C. A segunda, sem dúvida, foi a sedimentação da mitologia na Grécia feita pelo primeiro dos poetas gregos, Homero (viveu por volta de 800 a.C.) através de seus dois únicos poemas épicos. Nesses poemas, Homero descreve as atitudes e funções dos deuses e semideuses que seriam adotados pelos gregos. Ocorre que Homero fora levado como escravo de Cartago para Atenas, não um escravo qualquer mas um cantante. Diziam que era cego e recitava seus poemas de cor. Seus épicos, “ilíada” e “odisséia”, possuem diversas repetições o que supõe que foram compostas para serem cantadas e é fato conhecido que é mais fácil ao ser humano gravar em sua memória um canto do que um poema sem canto. Temos então dois fatores preponderantes: (1) Homero fora levado de um ambiente semita (Cartago fora fundada por fenícios) e (2) desde tempos imemoriais, os sumérios e os assírios “cantavam” seus rituais e esses rituais consistiam, quase sempre, em épicos sobre os deuses.

Tudo isso nos leva a pensar que Hermes fora uma personagem modificada dos semitas (os fenícios fizeram modificações nos rituais assírios) e um cantante, Homero, ensinou essa modificação aos gregos.

Hoje, alguns ousam dizer que o caduceu representa o ADN – ácido desoxirribonucléico (DNA em inglês), o composto cujas moléculas contém as instruções genéticas dos seres vivos e é a base da genética (figura 4). Parece ousado demais pois diríamos então que a base da engenharia genética atual fora lançada há mais de quatro mil anos pelos povos da Suméria e Assíria, na Mesopotâmia, passou depois para os relatos mitológicos dos fenícios / cartagineses e chegou até nossos dias.

**Ajude a propagar o cristianismo de oriente. Imprima e encaminhe um exemplar ou o link do jornal a um conhecido**

<http://www.igreasiriansantamaria.org.br/jornal.htm>

## SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

Em abril comemoramos o centenário do início do Genocídio dos Armênios, Gregos e Assírios (naquela época o povo assírio, religiosamente, dividia-se em: Siríacos, Assírios de Leste e Caldeus) que habitavam, havia milhares de anos, no sudeste da Turquia. Tal Genocídio ocorreu durante o Império dos Otomanos. Esse Genocídio ficou conhecido em aramaico como “**sáifo**” que significa espada (alusão às conversões do islamismo em que os soldados muçulmanos avançavam sobre as cidades e aldeias dos cristãos e obrigavam-nos a converter ao islamismo ou então morrer pelo fio da espada). O Genocídio fora ordenado e coordenado pelo governo central que ficava em Constantinopla (atual Istanbul), o qual enviara seu exército e esse, junto com tribos de curdos (os otomanos e os curdos eram muçulmanos) avançaram sobre os cristãos, massacrando-os, violentando suas filhas, mães e mulheres e as que sobreviviam e não conseguiam fugir, eram levadas como escravas para se converterem ao islamismo e servirem como mulheres de prazer nos haréns dos chefes tribais e depois, quando satisfaziam a volúpia dos chefes tribais dos curdos e dos generais otomanos (pashás), iam satisfazer a soldadesca otomana e daí eram dirigidas aos serviços domésticos pesados até morrerem de fome ou sede pois quase nada se lhes dava para se alimentarem ou combaterem a sede.

Nosso Patriarca, Mor Ighnatio Afrem II, Karim, atual Patriarca da Santa Igreja Siríaca de Antioquia, enviou-nos uma encíclica sobre esse tema. Encontra-se em aramaico e traduzida ao português na página da Igreja: <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/enciclic2015.htm> e em

<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/enciclica2010/EciclSayfoAram.pdf>.

Pelos quatro números deste ano de 2015, a cada bimestre, colocaremos a tradução de parte de livros de autores e historiadores que escreveram sobre esse tema, “**sáifo**”, com o texto original, ao final. Ainda, para orarmos pelos mártires desse Genocídio, do “**sáifo**”, incluímos a tradução de uma oração do aramaico com o original na secção dos textos em aramaico.

Neste número, iniciaremos com o texto da introdução do brigadeiro-general inglês H. H. Austin ao livro “Our Smallest Ally” (nosso menor aliado) do orientalista inglês que viveu no Oriente, inclusive nas montanhas da atual Turquia, de Hikari e Tur Abdin, nos anos que precederam o “**sáifo**”. A introdução é na verdade uma carta introdutória com muita polaridade para o lado britânico, como era de se esperar e mesmo assim, o brigadeiro Austin cita os fatos como ele os via e como Wigram os via.

### **Carta de Introdução pelo brigadeiro-general H. H. Austin, G.O.C. <sup>(1)</sup> pelo Campo de Refugiados, Baquba, Bagdá, 1918 a 1919.**

*Fui convidado a escrever uma breve carta de apresentação para um relato deveras interessante de Dr. Wigram sobre o papel de **Nosso Menor Aliado** na Grande Guerra, e isso eu o faço com prazer, pois sinto que poucos na Inglaterra percebem até que ponto a pequena e ignorada nação assíria ajudou-nos, ombro a ombro, a carregar nossa responsabilidade no Oriente Médio, resistindo à agressão turco-alemã ao longo da fronteira turco-persa.*

*Em primeiro lugar, o Dr. Wigram não precisa de introdução alguma minha, porque seu trabalho, por mais do que a década passada, como membro da Missão do Arcebispo de Canterbury aos assírios no Curdistão e Urmí<sup>(2)</sup>, é bem conhecida. Seu profundo conhecimento do país, do povo, e da língua siríaca, coloca-o em uma posição singular para lidar com o assunto ao qual ele se comprometeu em seu pequeno panfleto, enquanto eu, pessoalmente, posso testemunhar sobre o respeito e carinho que as pessoas cujos sofrimentos e sacrifícios ele descreve de forma tão nítida, têm por ele. Foi ao tempo em que eu estava no comando do “Cidade Moderna de Refúgio” em Baquba<sup>(3)</sup>, no início de 1919, que pela primeira vez tive o prazer de conhecer o Dr. Wigram. Ele depois retornou à Mesopotâmia, após passar diversos anos como um prisioneiro dos turcos na Ásia Menor durante a Grande Guerra, isso por colocar seus serviços à disposição do nosso governo com relação à repatriação dos assírios à sua antiga casa – como esperava-se então. Ainda que esta esperança não haja sido cumprida, a assistência de Dr. Wigram foi de grande valor para*

## SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

*mim até o momento em que entreguei o comando a meu sucessor e retornamos à Inglaterra, no verão passado. Foi em Baquba que Dr. Wigram colheu as informações que ora coloca diante do público e penso que todos os leitores imparciais hão de admitir, após uma leitura atenta de suas páginas, que "Nosso Menor Aliado" merece o melhor das Nações da Entente<sup>(4)</sup> por arriscar-se em tudo com elas, e sacrificando assim o pouco que tinha pela causa da liberdade.*

*Neste momento eu aqui gostaria de enfatizar o ponto que os assírios das montanhas<sup>(5)</sup> sentiram sem qualquer dúvida que tinham sido abandonados pelos russos, logo no início da guerra, quando foram deixados sem ajuda para defender as suas casas contra os turcos e curdos, logo depois que haviam concordado em lutar pelos russos. No entanto, quando estes montanhesees aliaram-se a seus irmãos na planície de Urmi e foram novamente abordados pelos russos, com o pedido de prestarem ajuda na Pérsia, de imediato, novamente, concordaram em o fazer.*

*Dois batalhões desses montanhesees foram organizados e colocados sob o comando de oficiais russos e tornaram-se parte integrante do exército russo. Mais tarde, um terceiro batalhão foi organizado, sob o comando especial do Patriarca Assírio<sup>(6)</sup>. Esses batalhões estavam em serviço ativo, sob o comando da Rússia, e foram utilizados em expedições contra os turcos e curdos, até a dissolução final do exército russo. Depois, eles, até julho de 1918, fizeram parte da força irregular que defendeu as planícies de Urmi e Salmas, e bloquearam o avanço dos turcos naquele fronteira. Em quatorze missões diferentes, de março a julho de 1918, eles derrotaram cada força muçulmana que fora enviada contra eles. Quando depois, seu estoque de munição foi esgotado e eles foram atacados simultaneamente pelos turcos, curdos, e persas, a sua posição em Urmi tornou-se insustentável e então a fuga para Hamadan começou. Posteriormente, em Hamadan e Baquba, um contingente assírio foi reagrupado dentre estes refugiados das montanhas e das planícies, treinados e exercitados por oficiais britânicos e C.C.O.s<sup>(7)</sup>. Recentemente, o escritor ouviu, de oficiais que comandavam este batalhão da montanha, sobre o esplêndido trabalho realizado por seus homens, que formavam brigadas com tropas da Índia durante recentes operações contra os curdos truculentos ao norte de Mosul, no ano de 1920.*

**Nosso Menor Aliado**, agora, não possui sua casa e depende de nossa caridade em Baquba, porque suas terras e aldeias foram totalmente destruídas, e além disso ainda é obrigado a ver - por razões além do nosso controle - que, embora ele tenha amarrado sua sorte com o lado vitorioso, em última análise, os curdos e outros inimigos derrotados, estão na posse real das heranças dele, em ruínas. Tal estado de coisas é incompreensível para a mente deste povo, mas é devido às dificuldades do país, à total falta de alimentos e à inacessibilidade a suas casas, por causa de simples transporte, juntamente com a extrema desordem das condições políticas do Curdistão e noroeste da Pérsia.

*Estas circunstâncias se combinam para tornar, hoje, a sua reinstalação segura, em suas antigas terras, impraticável.*

H. H. Austin

(Ex - G.O.C. Refugee Camp, Baquba)

06 de fevereiro de 1920.

### Notas:

(1) **G.O.C.** = guardian of camp significa "guardião ou responsável do campo"

(2) **Urmi** era como os europeus chamavam a cidade de Urmia na Pérsia (atual Irã)

(3) Baquba fica no Iraque, a 50 Km a nordeste de Bagdá, no caminho para a Pérsia.

(4) Nações da Entente eram os primeiros aliados da 1ª Guerra Mundial: França, Grã-Bretanha e Rússia que lutaram

## SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

- (4) ...contra a Alemanha e seu aliado, o Império Otomano (Turquia).
- (5) Assírios das montanhas – aqui ele se refere somente aos seguidores das Igrejas dos Caldeus e dos Assírios de Leste porém, os assírios ocidentais que são hoje os siríacos das Igrejas Romana e de Antioquia (conhecidos em aramaico como Turoie, i.e. montanheses) também foram forçados a se aliar com a Entente pela liberdade, contra a opressão germano-otomana.
- (6) Patriarca Assírio aqui é somente o Patriarca da Igreja Assíria de Leste.
- (7) C.C.O. = Chief Commanding Officer – Oficial Comandante Chefe.

### *Homilia de São Sewerios, Patriarca de Antioquia (Século V) pelos mártires cristãos*

versão de  
**Paulo de Edessa**  
e  
revisão de  
**Tiago de Edessa**

*Glorificai o Senhor Deus ó vós que sois justos* (Salmo 33)

***Mártires e soldados de Cristo, quando eram atribulados pelas torturas e sofrimentos diversos, pelos opressores infiéis, com Paulo, o santo apóstolo, através de seus próprios atos clamavam, “tanto quanto esse nosso ser humano exterior se corrompe, todo este interior se renova, quando ao final, em alegria e júbilo da ressurreição se veste em um corpo brilhante de glória, brilhando com os raios de luz sem corrupção”: aqueles que por suas súplicas, a nós também retornam com Tua misericórdia para Tua admiração, Senhor Deus, e para a vida nova futura prepara para nos encaminhar como Misericordioso és.***

Extraído de:

**Brooks, E.W. – *The Hymns of Severus and Others in the Syriac version of Paul of Edessa as revised by James of Edessa* in: *Patrologia Orientalis* - Tomus Septimus. Paris, 1911 .**

(Hino nr 167 - página 214).





حَلَّيْنَاكَ يَا حَمْدُ اللَّهِ الْفَرْدَ الْوَحِيدَ

لَا إِلَهَ إِلَّا أَنْتَ يَا مَنْ لَا يُدْرِكُكَ الْبَصَرُ

وَلَا يَحْصِيكَ الْحِسَابُ

عَسَى أَنْ يَمْلِكَ لَكُمْ (مَدَامَنَ يَا وَجْدَ)

عَسَى أَنْ يَمْلِكَ لَكُمْ سَكْرًا وَمَعْسًا فِي مَعْلُومَةٍ مِمَّنْ حَقُّهَا مَخْطُوعًا:  
عَسَى أَنْ يَمْلِكَ لَكُمْ سَكْرًا وَمَعْسًا فِي مَعْلُومَةٍ مِمَّنْ حَقُّهَا مَخْطُوعًا:  
أَرْحَمَ. وَلَا مَعْلُومَةٍ مِمَّنْ حَقُّهَا مَخْطُوعًا:  
مَخْطُوعًا. فِي حَلِّهَا حَسْبُهَا وَحَسْبُهَا وَحَسْبُهَا حَقُّهَا مَخْطُوعًا:  
فِي حَلِّهَا وَحَسْبُهَا وَحَسْبُهَا وَحَسْبُهَا حَقُّهَا مَخْطُوعًا:  
أَفْعَلًا حَسْبُهَا وَحَسْبُهَا مَخْطُوعًا:  
أَبُ يُسْمَعُ أَيْ

## Our Smallest Ally

### Introduction by H.H. Austin

I have been invited to write a brief introductory letter to Dr. Wigram's most interesting account of the part by ***Our Smallest Ally*** in the Great War, and this I do with pleasure, as I feel that but few in England realize to what extent the small and obscure Assyrian nation helped to shoulder our burdens in the Middle East, by resisting the Turko-German aggression along the Turko-Persian frontier.

In the first place, Dr. Wigram needs no introduction from me, for his work, for more than a decade past, as a member of the Archbishop of Canterbury's mission to the Assyrians in Kurdistan and Urmi, is well known. His intimate knowledge of the country, the people, and the Syriac language places him in a unique position to deal with the subject that he has undertaken in his little pamphlet, while I can personally testify to the regard and affection in which he is held by the people whose sufferings and sacrifices he describes so graphically. It was whilst in command of the "Modern City of Refuge" at Baqubah, early in 1919, that I first had the pleasure of meeting Dr. Wigram. He then returned to Mesopotamia, after several years spent as a prisoner with the Turks in Asia Minor during the Great War, in order to place his services at the disposal of our government in connection with the repatriation of the Assyrians — as was then hoped — to their former home. Although this hope has not yet been fulfilled, Dr. Wigram's assistance was of great value to me up to the time that I handed over the command to my successor, and we returned to England last summer. It was at Baqubah that Dr. Wigram collected the information that he now places before the public, and I think that all unbiased readers will admit, after a perusal of his pages, that ***Our Smallest Ally*** deserves well of the Entente nations for throwing in her lot with them, and thus sacrificing her little all in the cause of freedom.

I should here like to emphasize the point that the Assyrian mountaineers keenly felt that they had been deserted by the Russians, in the early days of the war, when they were left unaided to defend their homes against the Turks and Kurds, shortly after they had consented to fight for the Russians. Nevertheless, when these mountaineers reached their brethren in the plain of Urmi, and were again approached by the Russians, with the request that they would render assistance in Persia, they at once agreed to do so.

Two battalions of these mountaineers were organized and placed under the command of Russian officers, and became an integral part of the Russian army. Later, a third battalion was organized, under the special command of the Assyrian Patriarch. These battalions were on active service under Russian direction, and were utilized on expeditions against both Turks and Kurds, until the final dissolution of the Russian army. They then, up to July, 1918, formed part of the irregular force that defended the plains of Urmi and Salmas, and held the Turks in check on that frontier. In fourteen distinct engagements, from March to July, 1918, they defeated every Moslem force that was brought against them. Eventually, when their stock of ammunition was exhausted, and they attacked simultaneously by Turks, Kurds, and Persians, their position about Urmi became untenable, and the flight to Hamadan commenced. Subsequently, at Hamadan and Baquba, an Assyrian contingent was raised from these mountaineer and plain refugees, and drilled and trained by British officers and C.C.O.s. The writer has recently heard, from officers commanding this mountain battalion, of the splendid work performed by his men, who were brigaded with Indian troops during recent operations against the truculent Kurds north of Mosul, in the year 1920.

***Our Smallest Ally*** is now homeless, and dependent on our charity at Baqubah, for its lands and villages have been utterly destroyed, and it has the further mortification of seeing — from reasons beyond our

control — that although it threw in its lot with the ultimately victorious side, Kurds, and others of the defeated enemy, are in practical possession of its ruined homesteads. Such a state of things is incomprehensible to the minds of this people, but it is due to the difficulties of the country, the entire absence of food in, and the inaccessibility of their home, for purposes of ordinary transport, coupled with the extremely disorderly political conditions of Kurdistan and North-Western Persia.

These circumstances combine to render their safe re-installment in their former lands, at present impracticable.

H. H. Austin

(Late G.O.C. Refugee Camp, Baqubah)

February 6, 1920.

